



# Tema & Variações

BRUNO BORRALHINHO

Coluna mensal sobre o mundo da tal música que é *clássica* para uns e *erudita* para outros. Assuntos de abundante subjetividade e, por vezes, pouco isentos de polémica. Daqueles sobre os quais todos os músicos conversam e discutem, mas nunca chegam a conclusões cabais. Daqueles que permitem saciar a curiosidade do público entusiasta e, já agora, construir pontes e viadutos comunicacionais entre o palco e a plateia. E para que ninguém ouse levar os temas pouco a sério, as variações serão comentadas e discutidas em exclusivo com alguns dos melhores músicos do planeta.

## Música por uma grande causa

Após ter abordado seis assuntos substancialmente controversos e pertinentes e ter levantado pelo menos outras tantas dúvidas e questões sobre os mesmos, e após ter debatido e discutido sobre esses mesmos assuntos com seis personalidades indiscutivelmente ilustres e prestigiadas, escolhi para a presente edição da coluna Tema & Variações um tema especial e particularmente importante. Para me ajudar com o mesmo, tive o prazer de conversar com Elizabeth Njoroge, que com certeza não é tão famosa como os convidados anteriores e seguintes, mas nem por isso é menos importante. Pelo contrário e com o devido pedido de desculpas a todos os meus convidados, ela é provavelmente a mais importante.

Fundou a Art of Music Foundation em 2009, um projeto que começou com aulas gratuitas a 14 crianças num colégio comunitário católico em Korogocho, uma das maiores favelas de Nairóbi, e que hoje chega a mais de um milhão de crianças em três províncias quenianas. «Nunca me propus fazer algo grandioso», admite. «Não tínhamos um centavo, apenas a paixão e o pressentimento de estar a fazer o correto». O

CONVIDADA ESPECIAL

### Elizabeth Njoroge



© Elizabeth Njoroge

Nasceu em Kiambu, no Quênia, país onde viveu durante grande parte da sua juventude antes se formar em Bioquímica no Canadá e em Farmácia na Escócia. Viveu e trabalhou em Inglaterra antes de regressar ao seu país natal. Aprendeu a tocar piano na adolescência e integrou, mais tarde, vários coros amadores. Mas nunca imaginou que a música, mais do que um *hobby* ou uma paixão, passaria depois a ser a sua forma de vida.

propósito essencial era promover a música erudita em comunidades mais desfavorecidas, aproveitando a mesma para fomentar ensinamentos e valores sociais. «A minha ideia era, acima de tudo, manter as crianças fora das ruas, mantê-las seguras, dar-lhes uma sensação de família», revela Elizabeth, que destaca também o programa de mentoria que orienta crianças desde que terminam a escola até a idade adulta, com o objetivo de criar líderes comunitários que possam transformar positivamente a sociedade e ser um exemplo nos seus bairros e entornos de origem, onde predominam a pobreza, a violência e a desesperação. «Estamos a tentar criar seres humanos bons.»

Elizabeth Njoroge preferiu portanto os riscos e dificuldades do país que a viu nascer, ao conforto de uma vida despreocupada na Europa. Ou terão sido essas dificuldades que a fizeram regressar às origens numa espécie de missão de vida? Sem hesitar, afirma que ama absolutamente o que faz. «As pessoas dizem que as estas crianças precisam de mim... mas eu também preciso delas», confessa, acrescentando que as dificuldades e sua dedicação são altamente compensadas pela feliz sensação de realização que as crianças e o projeto lhe dão em troca.

A Art of Music Foundation inclui várias iniciativas e projetos de divulgação da música erudita em populações carenciadas do país: para além do programa Ghetto Classics, que continua a proporcionar a aprendizagem musical a centenas de crianças em Korogocho e em outras zonas periféricas de Nairóbi, Kiambu e Mombaça, a fundação promove também o programa Orchestra for Schools Initiative, levando a música às escolas primárias universais, e a Orquestra Jovem Nacional do Quênia. Uma vez por ano, todas estas iniciativas são reunidas num evento único: uma verdadeira festa da música, ou mais bem uma festa da vida com a música como pretexto. E convém sublinhar que 90% dos tutores dos diferentes programas são já formandos dos próprios programas que facultam aulas de instrumentos de orquestra, piano, guitarra ou formação coral. E como se não bastasse, o recentemente criado curso de dança promete dar que falar no futuro!

«A música muda o DNA de uma pessoa.»

ELIZABETH NJOROGE

Sendo ponto assente que a música, como as artes em geral, têm a virtude de motivar e reunir pessoas ao seu redor, muitas vezes como argumento para grandes causas, resta apurar como interfere realmente a música na transformação e evolução de um indivíduo. Elizabeth Njoroge acompanha esse mesmo processo há mais de uma década em centenas de crianças, jovens e mesmo adultos e ressalta que a música é sobretudo «uma forma de expressão, de mostrar ao mundo quem somos». «Trabalhamos com crianças que não têm voz ou que ninguém escuta, que não têm esperança, que sofrem silenciosamente assédios, agressões e violência de todo o tipo (...) quando fazem música, são finalmente ouvidas, sentem-se importantes e vivas.»

Apesar de admitir que o principal objetivo não é formar músicos profissionais, Elizabeth revela que estão a ser feitos esforços para melhorar a qualidade do ensino nos seus programas «para que os alunos muito talentosos tenham a oportunidade de aprender adequadamente e obtenham uma boa base para uma carreira profissional». De qualquer forma, a prioridade é que «quem não tenha talento musical nato, se sinta bem-vindo e encontre sempre um lugar no nosso programa». Sobre a importância da música nas suas vidas, Elizabeth diz às crianças que apenas lhes está a ensinar o ABC: «mais tarde, eles próprios decidem a história que inventam com essas letras.»

Chegados ao sempre delicado tópico dos apoios, Elizabeth lembra que a Art of Music Foundation começou sem qualquer tipo de financiamento e que hoje em dia sobrevive apenas com base numa parceria iniciada em 2014 com uma importante empresa de telecomunicações sediada em Nairóbi, e com as ajudas pontuais de privados ou instituições. «Os nossos primeiros instrumentos foram oferecidos pelas embaixadas da Alemanha e da Polónia e, agora mesmo, estão a caminho mais 18 violoncelos gentilmente oferecidos pelo Rotary Clube de Bingen am Rhein (Alemanha).» O apoio estatal queniano tem-se limitado ao patronato da Primeira Dama, que inclui apoio logístico isolado, mas nenhum tipo de auxílio monetário.

Sobre o futuro, Elizabeth espera dar continuidade ao sonho garantindo a existência da fundação a longo prazo: «dependemos muito de um só parceiro, o que é ótimo, mas eu gostaria que fossemos mais sólidos no futuro». Por outro lado, gostaria de expandir o projeto, por exemplo, colaborando com mais escolas de forma permanente ou talvez até cooperando com o governo queniano, porque «há tantas crianças lá fora para alcançar e ajudar».